

EICHMANN EM JERUSALÉM
UMA REPORTAGEM SOBRE A BANALIDADE DO MAL
Hannah Arendt

Tradução ~ Ana Corrêa da Silva
Introdução ~ António Araújo e Miguel Nogueira de Brito

*Quando saíres a caminho da ida para Ítaca,
faz votos para que seja longo o caminho,
cheio de aventuras, cheio de conhecimentos.*

KONSTANDINOS KAVAFIS



Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal
Hannah Arendt

Título original: *Eichmann in Jerusalem - A Report on the Banality of Evil*

1.ª edição: Abril de 2017

© Hannah Arendt, 1963, 1964

© Renovado por Lotte Kohler, 1991, 1992

Esta edição foi publicada por acordo com a Viking, uma chancela de Penguin Publishing Group, uma divisão de Penguin Random House LLC

© Ítaca, 2017

Da Introdução © António Araújo e Miguel Nogueira de Brito

Tradução: Ana Corrêa da Silva

Revisão: Madalena Fragoso

Design: Susana Cruz

Capa e paginação: Ítaca

Imagem da capa: Eichmann na sua cela em Jerusalém. Gjon Mili © Getty Images

Impressão: Europress

ÍTACA

CALÇADA CONDE DE PENAFIEL, 28 - 2.º D.º

1100-158 LISBOA

EDITORIAL@ITACA.PT

WWW.ITACA.PT

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido nem transmitido, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou outros, sem autorização prévia por escrito da Editora.

ISBN 978-989-99807-0-6

DEPÓSITO LEGAL 423472/17

ÍNDICE

Introdução ~ Arendt em Jerusalém	7
Nota da tradutora	61
Advertência ao leitor...65	
I ~ A casa da justiça	67
II ~ O réu	91
III ~ Um especialista na questão judaica	111
IV ~ A primeira solução: expulsão	137
V ~ A segunda solução: concentração	153
VI ~ A solução final: extermínio	171
VII ~ A conferência de Wannsee, ou Pôncio Pilatos	207
VIII ~ Deveres de um cidadão cumpridor da lei	235
IX ~ Deportações do Reich. A Alemanha, a Áustria e o Protectorado	255
X ~ Deportações da Europa Ocidental. França, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Itália	269
XI ~ Deportações dos Balcãs. Jugoslávia, Bulgária, Grécia, Roménia	293
XII ~ Deportações da Europa Central. Hungria e Eslováquia	309
XIII ~ Os centros de extermínio no Leste	325
XIV ~ Provas e testemunhas	343
XV ~ Veredicto, recurso e execução	361
Epílogo	385
Pós-escrito	419
Bibliografia	443

INTRODUÇÃO

ARENDT EM JERUSALÉM

À memória do
Diogo Veiga da Cunha

1. Ricardo Klement, alias Adolf Eichmann

No dia 11 de Maio de 1960, uma equipa de agentes da Mossad capturou Adolf Eichmann (1906-1962) quando este, no final de um dia de trabalho, se dirigia à sua modesta casa nos subúrbios de Buenos Aires.¹ A operação, que se revestiu de alguns aspectos rocambolescos, foi já objecto de obras de ficção e mesmo de adaptações cinematográficas.²

Desde há muito que esta personalidade-chave da «Solução Final» era um dos principais alvos dos «caçadores de nazis». Simon Wiesenthal recorda o júbilo com que, em 23 de Maio de 1960, ouviu a rádio noticiar que o Primeiro-Ministro Ben Gurion anunciara ao Knesset que o célebre criminoso de guerra fora capturado na Argentina e se encontrava detido em Israel.³

Vivendo sob a identidade forjada de Ricardo Klement, Eichmann refugiara-se na Argentina graças ao apoio da famosa organização ODESSA (*Organisation der ehemaligen S.S.-Angehörigen*).⁴ Esteve detido num campo norte-americano de prisioneiros, de onde escapou dois dias depois de o seu colaborador Dieter Wisliceny testemunhar em Nuremberga que Eichmann, ao ponderar a hipótese de suicídio, lhe dissera que «se iria rir no túmulo porque a sensação de ter cinco milhões de mortos na consciência seria uma fonte de satisfação extraordinária».⁵ Sobreviveu escondido na Alemanha durante quatro anos. Em 1950, num mosteiro em Génova, o padre franciscano Edoardo Dömöter, supostamente com

a colaboração do bispo Alois Hudal, forneceu-lhe um passaporte falso de refugiado da Cruz Vermelha com o nome de Ricardo Klement; em Julho desse ano, obteve um visto para a Argentina.⁶ Em 14 de Julho de 1950, desembarcou em Buenos Aires. Dois anos depois, em Abril de 1952, já em solo argentino, adquiriu finalmente os seus documentos de identidade: Ricardo Klement, cidadão alemão nascido em Bolzano, na Itália. A família deslocou-se para a terra de Perón em Junho de 1952. Aí levaram uma existência modesta, naturalmente discreta, e, por assim dizer, vulgar, de acordo com um padrão de normalidade que bem se enquadrava, ao cabo e ao resto, na personalidade de Adolf Eichmann. O mesmo padrão que Hannah Arendt iria definir através do famoso conceito de «banalidade do mal».

2. «*Ich bin Adolf Eichmann*»

Mas quem era este indivíduo «banal», que se vangloriava da morte de cinco milhões de seres humanos? Nascido em Solingen, na Alemanha, em 19 de Março de 1906, Adolf Eichmann muda-se com a família para Linz, na Áustria, durante a I Guerra. A família, protestante, frequentava a igreja todos os domingos. O pai era gerente comercial de uma firma de material eléctrico de Linz e casou uma segunda vez após a morte de Maria Eichmann, que ocorreu quando Adolf tinha dez anos. Adolf Eichmann foi um estudante medíocre, que confessou mais tarde, numa entrevista a um jornalista holandês, que o seu melhor amigo de infância era um judeu. Tendo abandonado a escola, emprega-se como caixeiro-viajante da empresa Socony Vacuum.

Em 1932, Eichmann e o seu pai assistem, a convite de um amigo da família, Ernst Kaltenbrunner, a uma reunião do Partido Nazi austríaco. Em 1 de Abril, adere ao Partido Nazi e, em Novembro desse ano, passa a integrar as S.S.; por essa altura, trabalha numa companhia petrolífera

norte-americana, a Vacuum Oil Company A.G., de onde é despedido em 1933. Atribui o despedimento a uma vingança do novo director, um judeu, devido ao seu envolvimento com o nazismo. Este envolvimento levou-o, aliás, a ser procurado pela polícia, tendo de fugir da Áustria e refugiar-se em Berlim, onde integrou a divisão austríaca das S.S. no exílio. Pouco depois, em Agosto de 1933, inicia treinos militares na chamada «Legião Austríaca» (batalhão *Deutschland*), sendo promovido a *S.S.-Scharführer*. Em 1934, serve como cabo das S.S. no campo de concentração de Dachau. No seio do Partido, começa a ganhar fama como especialista em assuntos judaicos, já que, entre o mais, tinha supostamente aprendido pelos seus próprios meios hebraico e iídiche. Voluntaria-se para trabalhar nos Serviços Centrais do S.D. (*Sicherheitsdienst*), em Berlim, onde é destacado para o Departamento de Investigação sobre a Maçonaria.

Em 1935, é colocado, então, na área da sua especialidade: o Departamento Judaico. Em 1936, casa com Vera Liebl, natural da Boémia, e, no ano seguinte, depois de ver recusada a sua candidatura para dirigir o Museu dos Assuntos Judaicos, é enviado à Palestina com vista a indagar da possibilidade de uma deportação dos judeus para esse território. Antes de partir, é promovido a *S.S.-Hauptführer*. O relatório que entrega a Heydrich é francamente negativo quanto à possibilidade de deportação dos judeus para a Palestina. A partir daí, a sua carreira é fulgurante: em Março de 1938, é nomeado assessor para os assuntos judaicos e enviado à Áustria para evacuar todos os judeus do país; em Agosto, é promovido a *Untersturmführer* (2.º tenente). Esse é, recorde-se, o ano da *Kristallnacht*.

Em Janeiro de 1939, Göring dá instruções a Reinhard Heydrich para resolver o problema da emigração dos judeus. No Departamento Central de Emigração Judaica (*Zentralstelle für jüdische Auswanderung*), em Viena, Eichmann passa a ocupar-se da gestão das questões administrativas e logísticas, ascendendo, em Fevereiro de 1939, ao posto

de *Obersturmführer* (tenente); no mês seguinte, encontra-se com os dirigentes judaicos em Berlim. No final do ano, dá-se uma importante evolução na sua carreira: é transferido para Berlim para chefiar o departamento judaico da Gestapo. A sua trajectória prossegue no interior do Reich: em 21 de Dezembro de 1939, Heydrich cria o Departamento IV-B-4 do R.S.H.A. (*Reichssicherheitshauptamt*), com vista a centralizar o trabalho de deportação dos judeus do Leste, e Eichmann é escolhido para dirigir este organismo. Em Junho do ano seguinte, pondera-se a evacuação do povo judaico para Madagáscar⁷ e Eichmann começa a trabalhar na concretização deste projecto. Em Agosto, é promovido a *Hauptsturmführer* (capitão). Entretanto, as deportações em massa começam a ser postas em prática, registando-se já um apreciável número de vítimas. 1941 é o ano em que Auschwitz, Majdanek e Chelmno começam a laborar como campos de extermínio; Eichmann recomenda aos respectivos comandantes o uso de Zyklon-B e toma providências para assegurar o fornecimento deste gás. No Verão desse ano, atinge uma posição de grande relevo: é o responsável pelo tratamento da população judaica em toda a Alemanha. Em Junho de 1941, após o início dos extermínios em massa na Roménia, Göring encarrega Heydrich de organizar a «Solução Final» do problema judaico. Heydrich e Eichmann participam num encontro em Praga onde se definem as linhas do programa da *Endlösung* da questão dos judeus. Pouco antes, Eichmann assiste a uma execução em massa nas proximidades de Minsk e, quando questionado sobre o destino a dar a oito mil judeus da Sérvia, propôs que fossem mortos a tiro. Não admira, pois, que no final do ano alcançasse o posto de *Obersturmbannführer* (tenente-coronel). E é nessa qualidade que assiste em Chelmno a um massacre de judeus e participa naquele que será um dos acontecimentos mais importantes da sua carreira: a Conferência de Wannsee.

Neste encontro de altos funcionários, realizado em 20 de Janeiro de 1942 nas imediações de Berlim, discutem-se os

aspectos logísticos da «Solução Final».⁸ Ele é o organizador da conferência.⁹ No final do encontro, Eichmann é designado como responsável máximo pela organização da «Solução Final». Pouco depois, os campos de Belzec e Sobibor entram em funcionamento, ao mesmo tempo que o gabinete de Eichmann começa a preparar a deportação de judeus eslovacos e decide iniciar a evacuação de quinze mil judeus da Holanda. Por essa altura, entra em funcionamento o campo de Treblinka, que Eichmann visita e onde assiste ao processo de extermínio. Em Julho de 1942, recebe um pedido de orientação sobre o destino a dar a quatro mil crianças internadas no campo de Drancy; no final, o seu gabinete ordena a deportação das crianças para Auschwitz. Metodicamente, iniciam-se os preparativos para novas deportações, desta feita da Bulgária, da Noruega e da Grécia. O seu empenho no extermínio dos judeus é imparável; significativamente, envia esforços para impedir que seja autorizada a emigração de judeus romenos para a Palestina.

Ao mesmo tempo, continua a liderar a burocracia do Holocausto: em Outubro de 1943, assume o controlo de todas as operações relacionadas com o confisco de bens pertencentes aos judeus; nesse mesmo mês, iniciam-se os trabalhos de «limpeza» da Dinamarca e, um pouco mais tarde, da Itália e da Hungria. O ano de 1944 é justamente dedicado à resolução da «questão húngara», onde Eichmann atinge os seus objectivos: entre Maio e Julho, realizam-se deportações em massa de judeus da Hungria para Auschwitz. Adolf Eichmann converte-se, em definitivo, num autêntico *Schreibtischmörder*, um «assassino de secretária».

Os ventos, todavia, começavam a mudar. Em 6 de Junho de 1944, o «dia-D», inicia-se a libertação da Europa pelos Aliados. É nessa altura que se intensifica a tentativa de quebrar as resistências existentes na Hungria à deportação de judeus. Pressente-se, contudo, que o regime estava prestes a terminar; em 1945 Eichmann faz uma visita de despedida à família, na Áustria, e dá veneno à mulher e aos filhos,

ordenando-lhes que o usem se estiverem na iminência de ser capturados pelos russos. Em 7 de Maio desse ano, dá-se a rendição da Alemanha. Eichmann é capturado pelos norte-americanos nas cercanias de Ulm. Adota o nome de Adolf Karl Barth e enverga um uniforme de um cabo da Luftwaffe. Foge do campo ao ter conhecimento de que os americanos iriam começar a procurar as tatuagens das S.S. marcadas nos corpos dos prisioneiros.

Em Agosto de 1945 é preso novamente, recorrendo a uma outra identidade: Otto Eckmann. É nessa qualidade que é mantido em cativeiro no campo de Oberdachstetten, de onde escapa em Janeiro de 1946. O resto da sua vida é passado em fuga. Apenas na Argentina encontra algum descanso, sobretudo quando recebe a família em 1952. Acaba, porém, por ser detectado. E, às dez e meia da noite do dia 11 de Maio de 1960, ao descer do autocarro que o levava a casa, é interceptado por um comando judaico, a quem responde, quando lhe perguntaram a identidade: «Ich bin Adolf Eichmann»; acrescentará ainda saber que se encontrava «nas mãos de israelitas».

3. *A caça ao homem*

Ao que parece, a localização de Eichmann deveu-se, em larga medida, à acção de um cego. Lothar Hermann, que esteve internado em Dachau em 1938 devido às suas actividades socialistas, fugiu para a Argentina em 1938, na sequência da famosa *Kristallnacht*. Alguns anos depois de chegar à Argentina, perderia a visão, ainda em resultado da tortura que a Gestapo lhe infligira em Dachau. Por um acaso do destino, a sua filha tornou-se amiga dos filhos de Eichmann, e Lothar Hermann, ao escutar o nome de Eichmann a partir dos relatos jornalísticos de um julgamento que tinha lugar em Francoforte, apressou-se a enviar uma carta às autoridades alemãs. A carta foi recebida pelo activo

Procurador-Geral (*Generalstaatsanwalt*) do Estado de Hesse, Fritz Bauer, que, depois de concluir que seria muito difícil obter a extradição de Eichmann e julgá-lo na Alemanha, decidiu informar secretamente as autoridades israelitas do paradeiro do antigo colaborador de Himmler, indo ao ponto de fornecer a morada exacta: n.º 4261 da Calle Chacabuco, no bairro Olivos. A Mossad, no entanto, não deu grande importância ao assunto, limitando-se a enviar um agente a Buenos Aires, em Janeiro de 1958, que, ao perscrutar o bairro de Olivos, informou os seus superiores que era impossível um nazi tão importante viver num lugar tão modesto. Uma segunda missão foi enviada a Buenos Aires, por insistência de Fritz Bauer. Desta feita, os agentes encontraram-se com Lothar Hermann e acabaram por confiar a tarefa de localizar o fugitivo de guerra a um cego que vivia a dez horas de comboio de Buenos Aires...

A tenacidade deste homem – a que não era alheia a vontade de obter uma recompensa no valor de dez mil dólares, oferecidos, ao que parece, pelo Congresso Mundial Judaico – acabou por vencer a letargia dos serviços secretos israelitas. O resto da história é conhecido: uma equipa da Mossad capturou Eichmann quando este se deslocava a casa, no n.º 6061 da Calle Garibaldi, e manteve-o em cativeiro durante dez dias, antes de o enviar para Israel sob o efeito de drogas e disfarçado de comissário de bordo da companhia aérea El Al. Menos conhecidos são outros pormenores: em Março de 1961, Lothar Hermann, o homem que localizara Eichmann, foi preso e acusado de ser Josef Mengele! Tudo indicia que este grotesco episódio foi uma forma de os elementos anti-semitas das forças policiais argentinas se vingarem do papel que Hermann tivera na captura de um dos principais arquitectos do Holocausto. Não por acaso, no dia seguinte ao da execução de Eichmann, uma jovem judia, Graciela Narcisa Sirota, a filha do dono da casa onde se suspeitava que os agentes da Mossad guardaram o seu prisioneiro, foi raptada, torturada, violada e queimada no peito com uma cruz